

A FUNÇÃO DO PAI NO DELÍRIO: ENTRE DEUS E O DIABO

Rosani Teixeira Maffili

Na condição de psicóloga em um serviço de Saúde Mental (Centro de Atenção Psicossocial – CAPS), no município de Santos Dumont, Minas Gerais, deparei-me com questões relacionadas à clínica e cultura daquela comunidade. Delimitando nossa questão à clínica da psicose, em suas construções delirantes e sua vinculação à função paterna, ou, melhor dizendo, à falta da inscrição do Nome-do-Pai, questiono acerca desta especificidade da clínica das psicoses que toma da religiosidade alguns temas delirantes.

Dentre os vários casos em que a temática de deus e diabo se evidencia, transcreverei dois fragmentos de casos clínicos que suscitam questões acerca dos conceitos psicanalíticos relacionados ao tema de delírio em suas manifestações e vinculação à função paterna.

Casos:

D. é usuário do serviço desde 2001, quando sua avó procurou o CAPS pedindo ajuda. Na ocasião, D. tinha 18 anos, estava agressivo, falando sozinho, colocando fogo em roupas e móveis da casa. Segundo a avó, ele chegou à sua casa, vindo do cemitério. Estava com os olhos vermelhos e lhe perguntou: “Um pai pode entregar o filho ao diabo?”. D. iniciou seu tratamento no CAPS e disse-nos, na ocasião, que estava perdendo a fé, relatou que tinha uma semana que as pessoas estavam querendo lhe fazer mal. Falou de religião e de Deus.

Em outro caso de psicose, em que ocorre o uso concomitante de drogas, percebe-se também uma referência a Deus. Eis algumas palavras dele: “Quando consigo a pedra boa, a que vem de Deus, minha viagem é com coisas boas, de fazer o bem. Agora, se a pedra é do mal, só me vem coisa ruim, matar e destruir o mundo”.

Discussão:

Como podemos entender a função aparentemente paradoxal do apelo ao pai que se localiza tanto como elemento desencadeador do delírio, quanto como elemento de construção e elaboração delirantes, ou seja, elementos do que Freud (1915/1996) já designara com clareza como “tentativa espontânea de cura”?

O investimento nas palavras, a alucinação, o delírio e a arte são as tentativas espontâneas de cura do sujeito psicótico. Em Freud, significa uma tentativa de restabelecer os vínculos com os objetos. Com Lacan, situamos a questão do delírio de maneira correlata à possibilidade ou não de localização do gozo e, assim, o estabelecimento de uma relação menos mortífera com os outros (QUINET, 2010).

Considerando que o que caracteriza essencialmente a psicose é a forclusão do Nome-do-Pai, o que está foracluído pode retornar sob a forma de delírio e alucinações. A forclusão implica sempre o retorno no real daquilo que está foracluído no simbólico.

Jean Claude Maleval (2000) aborda a questão do delírio distinguindo-a em quatro fases que se interpenetram, sendo difícil se estabelecer uma delimitação estanque entre as mesmas. Para ele, o que importa é o fato de se tratar “de uma evolução da relação do sujeito com seu gozo.” (MALEVAL, 2000, p.280).

Podemos localizar cada um dos períodos da construção delirante a partir das especificidades de cada um deles: no primeiro, temos uma deslocalização do gozo acompanhada por intensa angústia. No segundo momento, encontramos uma tentativa de significação do gozo do Outro (significação de significação). No terceiro momento, ocorreria uma identificação ao gozo do Outro (uma etapa paranóica). E por último, surge um consentimento ao gozo do Outro, levando a uma estabilização. Não há dúvidas de que estes fenômenos se interpenetram, não se tratando de uma sucessão ordenada, da qual se tem uma única fonte.

O processo delirante, a princípio, se relaciona à falta radical da função paterna,

ligando-se ao imaginário desta função. Após o desencadeamento, elabora-se um investimento dirigido diretamente à função paterna. Alguns psicóticos conseguem ir além, fazendo com que uma figura persecutória ocupe seu lugar central. Se alguns conseguem ir além, poucos conseguem levar o processo a seu termo, obtendo uma reconciliação com um princípio paterno. Podemos notar que a lógica do delírio descansa em seu mecanismo mais decisivo: a busca de estabilização do gozo deslocalizado. O Nome-do-Pai foracluído não permitirá a elaboração de uma metáfora paterna, que tem por função impedir a emergência de um Outro que encarne o gozo desatado. Ao contrário, a carência do pai simbólico, tende a induzir o retorno de um pai real, gozador e onipotente.

Maleval (2000) analisa a evolução da construção delirante de Schreber a partir de sua relação com o gozo. Inicialmente, ele localiza um período de angústia, a partir do qual surge uma busca de solução. Schreber, cada vez mais, construirá uma saída melhor elaborada a essa angústia. Detalhando os quatro períodos da construção do delírio de Schreber, primeiramente, distingue-se, em fins de 1893, um período de angústia e temores hipocondríacos. Em alguns meses, surge-lhe a ideia de que “seria belo ser uma mulher”. Pensamento que, tempos depois, adquire sentido com a perseguição de Flechsig. Schreber escreve acerca de um complô com a finalidade de entregar-lhe a um homem de maneira que sua alma fosse abandonada e seu corpo transformado em um corpo de mulher

Esta primeira tentativa de significação do gozo deslocalizado desaba em um sujeito exposto a um perseguidor onipotente, de modo que era ineficaz para reduzir sua angústia. Num segundo momento, a ideia delirante só pode ser aceitável quando concebida a partir de um desígnio de Deus, implicando em um sacrifício cujo testemunho é a morte do sujeito. Quando o gozo do Outro é identificado, o sujeito torna-se capaz de fazê-lo seu. Esta solução é encontrada por Schreber em 1895, quando resolve ter uma aparência feminina. Mas esta aceitação não afasta o sentimento de ser vítima de uma violência. Ele não deixa de

ser perseguido por almas malignas, entre as quais a de Flechsig.

Em 1897, estas almas desaparecem e se situa a última fase do delírio, na qual Schreber não se sente mais perseguido, de forma que consegue consentir plenamente ao gozo do Outro. Seu drama é convertido pela redenção do universo. Que terá por consequência, a geração de novos homens a partir de seu espírito (MALEVAL, 2000, p.281).

Um Outro gozador implica que ele seja faltoso e que o sujeito psicótico seja objeto de seu gozo. Deste modo, a busca de uma completude a este Outro permitiria uma estabilização do sujeito no delírio. Por essa razão, muitas vezes encontramos formações megalomaniacas na etapa final do delírio. Esta completude que pode se encarnar de diversas maneiras: em uma fórmula fundamental, ou na onipotência de seres divinos: Deus ou o diabo. Como diria Maleval:

Se o sujeito psicótico consegue alcançar posições que o permitam denunciar o gozo do Outro, convertendo-se em seu porta-voz, ele pode testemunhar seu saber. (...) O gozo inerente ao delírio sistematizado lhe fornece valor de verdade que o psicótico quer revelar por escritos e palavras (MALEVAL, 2000, p. 292)

Pensando a questão da função paterna a partir de Freud (1913/1996), percebemos que, em ele aponta para a importância desta função na formação da constituição do psiquismo. O pai surgindo como intermediador da relação entre mãe/criança, anunciando uma função de lei que irá normatizar essa relação primordial.

A função paterna trabalhada por Freud a partir do complexo de Édipo será retomada por Lacan (1955-1956/1988), que lhe dará uma amplitude e localização ao nível da linguagem. Percebemos que no primeiro ensino de Lacan, o conceito de Nome-do-Pai é considerado fundamental na construção diagnóstica. Sua ausência ou presença constituem a localização do sujeito na neurose ou na psicose.

Lustoza e Calazans (2010) argumentam acerca da validade do conceito de Nome-

do-Pai na clínica atual. O conceito tido como fundamental no estabelecimento da diferença diagnóstica entre neurose e psicose sofre atualmente críticas e ataques que geram dúvidas com relação à sua validade. Os autores acreditam que “o diagnóstico estrutural ainda é um instrumento de trabalho imprescindível na clínica” (LUSTOZA, Z.R. E CALAZANS, R.) Alcance e valor do Nome-do-Pai atualmente: algumas considerações In: **Psicologia em Estudo** Maringá, Vol. 15, n. 3, p. 558. Setembro de 2010.

Pensamos que o conceito de Nome-do-Pai, de forma alguma, se tornou antiquado, ou substituível a partir da chamada segunda clínica de Lacan. O que observamos entre o seminário *As psicoses* (1955-56/1988) e o seminário sobre *O Sinthome* (1975-76/2007) é uma continuação acerca da questão das psicoses com o emprego do conceito de Nome-do-Pai enquanto operador importante nesta construção teórica. Neste percurso, ocorre uma passagem da abordagem teórica inicial feita pela via do significante, para o uso da topologia dos nós, não havendo por isso, um rompimento com os princípios básicos da Psicanálise. (LUSTOZA; CALAZANS, 2010).

Godino (2010) aborda a questão das chamadas “novas formas” do sintoma, os novos sintomas e os sintomas da contemporaneidade, alertando-nos quanto ao equívoco que a redução desta fórmula pode sugerir que “não é apenas o invólucro formal, ou seja, que não é apenas a apresentação clínica do sintoma que teria sofrido mutações, mas também e sobretudo, a própria estrutura sintomática.” (GODINO, 2010, p.10).

Godino propõe um retorno aos fundamentos da noção de sujeito, uma retomada aos textos lacanianos. Sendo que, a noção de sujeito é o que representa “a base material das operações que integram o trabalho de cura”. (GODINO, 2010, p.13).

Em seu texto, Godino traça uma crítica à psicanálise atual por tomar a globalização, e não mais a pulsão, como sendo a causa aparente do mal-estar:

Para a psicanálise de hoje a causa dessa nova economia está relacionada com o esvaziamento da figura paterna. Tendo perdido o estatuto - de encarnar uma referência-, a imagem do pai tornou-se uma figura anacrônica com a

consequente perda de autoridade. É o que se conhece como “o decaimento do pai, o desfalecimento da paternidade, a queda da função paterna”. Um argumento em que a função, a pura função do nome-do-pai, é literalmente suplantada por imagens e figuras de acordo com a lógica que ama as figurações. (GODINO, 2010, p.232)

Retomando Maleval (2000), em seu questionamento acerca de que as transformações sociais levariam a mudanças subjetivas e de que o declínio da autoridade abalaria a estrutura do Nome-do-Pai, ele aponta que em Lacan, “o Nome-do-Pai constitui uma ex-sistência a ser situada no campo do Outro. Ancorando-o, não no social, mas no efeito primeiro da linguagem sobre o ser.” (MALEVAL, 2007, p.155). Sendo assim, o declínio da autoridade não se refere ao declínio do Nome-do-Pai, visto que, as modificações das normas sociais não produzem efeito sobre a lei do significante.

A clínica psicanalítica nos remete constantemente à teoria. Sendo pelo viés teórico/clínico que nos deparamos com nossas questões: Como atuar, intervir ou nos localizar, enquanto psicanalistas em uma instituição de saúde mental, diante dos avanços e, muitas vezes, distorções que surgem acerca dos conceitos psicanalíticos de Freud e Lacan?

Conclusão:

Em uma cidade de pouco mais de 40.000 habitantes, localizada no interior do estado de Minas Gerais, constatamos que uma realidade religiosa ali se especifica, trazendo consigo contingências à clínica. Nossa intenção aqui era demonstrar que os conceitos elaborados por Freud e Lacan, no que concerne à clínica das psicoses, permanecem vivos e atuantes, sendo fundamentais para nortear nossa experiência. Os conteúdos religiosos trazidos pelos sujeitos que nos chegam são exemplos disto: não podemos nos deixar levar pelos conteúdos dos delírios, mas pensar de que modo eles se ordenam a partir de uma tentativa de cura em que tomam de seu entorno alguns temas – deus e o diabo – para produzirem uma elaboração ali onde o Nome-do-Pai falta.

BIBLIOGRAFIA:

FREUD, S. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranóides) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996

_____. O Inconsciente (1915) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 14. Rio de Janeiro: Imago 1996.

LACAN, J. **O Seminário: Livro 3: As psicoses** (1955/1956). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1988.

_____. **O Seminário: Livro 4: A relação de objeto** (1956-1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995

LUSTOZA, Z.R. E CALAZANS, R. Alcance e valor do nome-do-pai atualmente: algumas considerações In: **Psicologia em Estudo** Maringá, Vol. 15, n. 3 set. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722010000300013&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Última atualização em 17 de abril de 2011.

MALEVAL, J. C. **LA Forclusión Del Nombre Del Padre. El concepto y su clínica**. Buenos Aires: Éditions Du Seuil, 2000.

_____. Forclusão In: **Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise**. N. 50, dezembro de 2007, pp. 153-154.

QUINET, A. **Psicose e laço social – esquizofrenia, paranóia e melancolia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2010.

SOBRE A AUTORA:

Rosani Teixeira Maffili. Psicóloga. Mestranda em psicologia pela Universidade Federal de São João Del Rei, linha de pesquisa “Conceitos Fundamentais e Clínica Psicanalítica: Articulações”. Pós-Graduada em Psicanálise pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Pós-Graduada em Psicanálise, Subjetividade e Cultura pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Psicóloga no Centro de Atenção Psicossocial Dr. Carlos Pereira da Costa (Santos Dumont - MG).